

The background is a collage of various elements related to Afro-Brazilian culture. It includes illustrations of dancers in traditional attire, such as long, patterned skirts and headwraps. There are also photographs of fabric with vibrant floral patterns in pink, yellow, and black. A white lace trim is visible at the top. A large, semi-transparent purple circle with a dashed white border is centered over the image, serving as a backdrop for the text.

ILÊ OMOLU OXUM

MODA DE TERREIRO

RESPEITANDO O SABER ANCESTRAL DE CADA TRADIÇÃO

MODA DE TERREIRO

RESPEITANDO O SABER ANCESTRAL DE CADA TRADIÇÃO

Coordenação-Geral: **Mãe Meninazinha de Oxum**

Coordenação Editorial: **Mãe Nilce de Iansã**

Coordenação de Administração: **Ogã Wilton da Costa de Oxalá**

Coordenação de Comunicação e textos: **Marco Antonio Teobaldo de Oxóssi**

Modelos do Rio de Janeiro: **Mãe Meninazinha de Oxum, Mãe Nilce de Iansã, Mãe Hilda de Oxalá, Ogã Sidney de Omolu, Eliane Fomo de Iansã, Márcia Regina dos Santos de Xangô, Lilian Winter de Oxaguiã, Rosinha de Oxum, Samira Marques de Oxum, Nycole Tyna da Silva dos Santos de Omolu, Iyawô de Iansã Lorena de Araújo Pacheco e Iyawô de Oxum Benjamin Almeida**

Modelos do Piauí: **Mãe Eufrazinha, Pai Italo, Pai Cleiton, Mãe Yasmin, Pai Valfrido, Mãe Jamily, Mãe Maria (Xexeu), Mãe Márcia, Mãe Andreia, Cambone Eleuza, Morena, Ratol Igor, Keylany, Mariana, Geovanna, Sabrina, Laura, Mikaelly e Tiago**

Modelos do Rio Grande do Sul: **Babá Diba de Iyemonjá, Temilayó, Ogun Pele, Malick Balogun, Moyemi, Yetunde, Okanele, Aiyoniyi, Nina Fola, Ojemide, Kaiye, Zikiwe e Olumide**

Costureiras: **(RJ) Ana Maria da Silva, Estela Ferreira e Marcia Regina dos Santos de Xangô; PI - Maria Augusta, Marcicleide e Paloma; RS - Temilayó, Oba Dile Axós, Tatiane Marques, Tânia e Cleu Monteiro Axós**

Engomadeira: **(RJ) Sali Cândida Peixoto da Silva**

Estilo: **(RJ) Rosana Costa**

Projeto gráfico: **Marco Antonio Teobaldo de Oxóssi**

Fotografia: **(RJ) Alex Ferro, (PI) João Alberto e (RS) Leo Láyò Caobelli**

Revisão de texto: **Leticia Peçanha de Ogun**

Assessoria de imprensa: **CWeA Comunicação – Cláudia Noronha, Walter Clemente e Lilian Diniz**

apoio:



MINISTÉRIO DA
CULTURA

realização:



ILÊ OMOLU OXUM



MINISTÉRIO DA
SAÚDE

MINISTÉRIO DA
IGUALDADE
RACIAL



MODA DE TERREIRO RESPEITANDO O SABER ANCESTRAL DE CADA TRADIÇÃO

Este catálogo é fruto de uma jornada pelos terreiros do Brasil, onde pudemos testemunhar a riqueza infinita dos saberes que nossos mais velhos preservaram por meio dos fios, das cores, das formas e dos símbolos que compõem nossas indumentárias sagradas.

A dimensão comunitária da produção de indumentárias constitui um aspecto fundamental da organização social dos terreiros, fortalecendo vínculos de solidariedade e transmissão de conhecimentos.

Tradicionalmente, as roupas rituais são confeccionadas por grupos de mulheres mais experientes da comunidade, as quais ensinam as técnicas às mais jovens, criando um sistema de educação informal que vai além da simples transmissão de habilidades manuais.

A produção de vestimentas nos terreiros das religiões de matriz africana representa um dos aspectos mais significativos da preservação cultural e resistência histórica de nossas comunidades. Desde a formação dos primeiros terreiros no período colonial e imperial no Brasil, a confecção de roupas

rituais tornou-se uma prática fundamental para a manutenção das tradições ancestrais africanas, adaptadas às condições sociais e econômicas adversas enfrentadas naquela época.

Diante dessa realidade, desenvolveu-se uma cultura de aproveitamento integral de tecidos, retalhos e materiais disponíveis, onde peças eram constantemente reformadas, adaptadas e repassadas entre membros da comunidade. Essa prática de economia circular não apenas garantiu a continuidade das práticas rituais, mas também fortaleceu os laços comunitários através do trabalho coletivo de costura e ornamentação, transformando a necessidade em virtude e criando um sistema sustentável de produção têxtil.

Durante esta pesquisa, que nos levou do Rio Grande do Sul ao Piauí, do Rio de Janeiro a tantos outros cantos do Brasil, descobrimos que cada ponto, cada bordado, cada escolha de tecido carrega em si não apenas beleza, mas também história, resistência e fé. Vimos como as mães e pais de santo de diferentes tradições - seja no Candomblé, na Jurema, no Batuque, na Umbanda ou em outras religiões de matriz africana - desenvolveram linguagens

próprias através das roupas sagradas, mantendo viva a conexão com nossos orixás, vodunces, inquices e encantados.

As indumentárias registradas nesta pesquisa cumprem funções litúrgicas específicas e constituem elementos identitários que conectam os praticantes às suas origens culturais, preservando conhecimentos têxteis, cores simbólicas e técnicas de ornamentação transmitidas através de gerações.

A confecção coletiva de vestimentas nos terreiros também reforça os vínculos de socialização, onde histórias são compartilhadas, conselhos são dados e a memória da comunidade é preservada através das narrativas que acompanham cada ponto de costura.

As roupas rituais produzidas nos terreiros são, portanto, documentos vivos da história afro-brasileira, testemunhas materiais da capacidade de preservação cultural diante das adversidades e símbolos da riqueza espiritual e estética das religiões de matriz africana.

Este projeto se materializou a partir da seleção pública pelo edital Mãe Gilda de Ogum, do Ministério da Igualdade Racial e impresso com recursos do Prêmio Sérgio Mamberti, do Ministério da Cultura. Voltado para as comunidades tradicionais de matriz africana, é um chamado para que as novas gerações compreendam que se vestir no terreiro é um ato sagrado, é incorporar a ancestralidade, é afirmar nossa identidade e nosso pertencimento. É também um convite para que a sociedade conheça e respeite a profundidade cultural das religiões de matriz africana, reconhecendo-as como patrimônio fundamental da cultura brasileira.

Que esta publicação fortaleça ainda mais os laços entre nossos terreiros, promova o intercâmbio de conhecimentos e inspire jovens costureiras e costureiros a dar continuidade a essa arte sagrada. Que cada palavra aqui impressa seja uma linha de força contra o preconceito e costure pontes entre as tradições.

***Mãe Nilce de Iansã
Iyá Egbé - Ilê Omolu Oxum***

Ilê Omolu Oxum

O projeto do Ateliê Obirin Odara foi criado em 2013 com o objetivo de preservar as tradições e técnicas de costura ensinadas pela matriarca Iyá Davina de Omolu desde sua chegada ao Rio de Janeiro, vinda de Salvador com a sua família, em 1920.

Seus ensinamentos não se perderam no tempo, pois encontraram solo fértil para germinar através daqueles que compreenderam a importância de manter viva essa herança cultural. O legado de conhecimento que ela construiu tornou-se alicerce para futuras gerações de artesãos e religiosos.

Esse precioso conhecimento tem sido preservado e continuamente transmitido por Mãe Meninazinha de Oxum, que dedica sua vida ao trabalho incansável de manter viva a tradição ancestral no Ilê Omolu Oxum, localizado em São João de Meriti, na Baixada Fluminense. Sua atuação representa mais de cinco décadas de resistência cultural, formação espiritual e preservação dos conhecimentos passados de uma geração para a outra, sobre as indumentárias sagradas. Sua dedicação exemplifica como a tradição se perpetua através das suas filhas e dos seus filhos de santo.

SÃO JOÃO DE MERITI – RIO DE JANEIRO

Vestir o sagrado exige o conhecimento de códigos específicos que diferem radicalmente da preparação para eventos sociais comuns. Enquanto no cotidiano profano são utilizadas maquiagens, perfumes e adereços casuais para compor uma aparência, o preparo ritual segue protocolos ancestrais rigorosos que respeitam a sacralidade do momento. Cada elemento obedece a preceitos religiosos específicos. O corpo que se veste para o sagrado passa por um preparo que transcende o estético, tornando-se templo e veículo de manifestação do divino.

O processo de aprendizado e transmissão desses saberes inclui múltiplas dimensões do conhecimento tradicional, que vão além da confecção de cada indumentária: a compreensão da importância de cada peça na composição ritual, o domínio dos cuidados necessários com as vestimentas sagradas e o discernimento sobre os momentos apropriados para seu uso. Essa educação integral garante que a reprodução das técnicas possibilite verdadeiramente a compreensão deste rico universo sagrado que permeia cada criação, assegurando assim que a essência ancestral permaneça intacta nas gerações futuras.















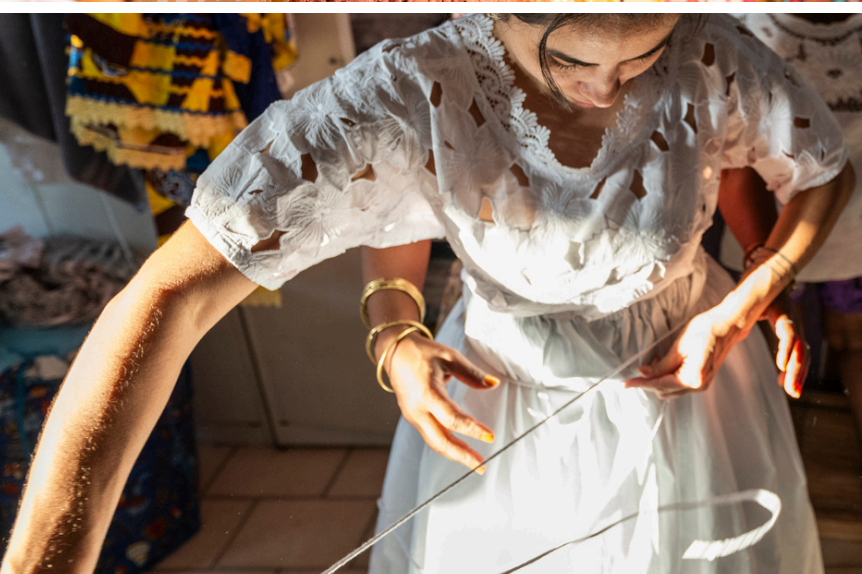












Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara - Templo 07 Poderes

A Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara é um terreiro de Umbanda Sagrada localizado em Teresina, Piauí. Liderado por Mãe Eufrázina de Iansã, o terreiro representa um importante espaço de preservação cultural e espiritual no estado do Piauí.

Ao longo dos anos, o terreiro acompanhou a evolução dos materiais têxteis e artesanais, sem perder sua essência tradicional. Antigamente, as roupas eram confeccionadas com tecidos como morim e percal. Hoje, a casa incorporou tecidos mais nobres, proporcionando maior visibilidade e dignidade às vestimentas sagradas, sempre mantendo o respeito pelas tradições.

Toda a produção das indumentárias acontece dentro do próprio terreiro, preservando o caráter sagrado e artesanal das peças. As roupas são enriquecidas com diversos elementos decorativos, como bicos, aviamentos, bordados, paetês, richelieu e oxford, técnicas que demonstram a habilidade e dedicação dos artesãos da casa.

Um aspecto fundamental das vestimentas é o respeito à hierarquia espiritual do terreiro. Os

TERESINA - PIAUÍ

pais e mães-de-santo utilizam tecidos mais nobres, com maior brilho e detalhamentos elaborados, enquanto os demais cargos seguem a hierarquia estabelecida, cada um com suas características específicas. Essa diferenciação visual reforça a organização espiritual e o respeito às tradições.

A Tenda Santa Bárbara também atua no comércio de suas criações, oferecendo as peças tanto em loja presencial, localizada no próprio terreiro, quanto através de loja online, expandindo o alcance dessas vestimentas sagradas para um público mais amplo.

O terreiro reconhece que cada tradição de Umbanda possui suas particularidades, mas observa que o crescimento do acesso à informação tem permitido uma convergência de gostos e uma maior troca cultural entre diferentes casas, enriquecendo o universo da costura nos terreiros.

O terreiro é um centro de preservação cultural onde a tradição afro-brasileira é mantida viva através da produção artesanal, respeitando hierarquias sagradas e perpetuando conhecimentos ancestrais para as futuras gerações.



























Terreiro Ilê Axé Iyemonja Omi Olodo e Céu Cacique Tupinambá

A Comunidade Terreiro Ilê Axé Iyemonja Omi Olodo e Céu Cacique Tupinambá foi fundada na década de 1930 e segue a tradição do Batuque Jeje. Localizada no bairro São José, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a casa é liderada por Babá Diba de Iyemonja.

As indumentárias sagradas do terreiro carregam a memória dos ancestrais escravizados que chegaram através dos portos gaúchos, além de influências da migração interna e da forte colonização portuguesa e espanhola na região. Essa fusão cultural única reflete a história particular do Rio Grande do Sul e sua formação étnica diversificada, criando um patrimônio têxtil que une tradições africanas com elementos locais.

Tradicionalmente, o terreiro adotou o modelo de bombachas da cultura gaúcha para os homens, enquanto as mulheres utilizavam saias e gandolas de chitinha com camisola por baixo. Essas peças representavam uma adaptação criativa das tradições africanas ao contexto regional, incorporando elementos da vestimenta típica do Rio Grande do Sul às necessidades litúrgicas do Batuque Jeje.

PORTO ALEGRE – RIO GRANDE DO SUL

A partir dos anos 2000, as indumentárias passaram por transformações significativas, impulsionadas pela facilidade de acesso à internet e pela maior mobilidade para viajar. Quando o Povo de Terreiro gaúcho começou a sair do estado e a dialogar politicamente com terreiros de outras regiões do Brasil, trouxe influências como turbantes, filás e alakás, enriquecendo o repertório tradicional com elementos de outras tradições afro-brasileiras.

Assim, o Ilê Axé Iyemonja Omi Olodo e Céu Cacique Tupinambá representa um importante exemplo de como as tradições se mantêm vivas através da adaptação e do diálogo intercultural.

O terreiro preserva a memória ancestral dos escravizados, enquanto incorpora elementos contemporâneos, demonstrando que a tradição não é estática, mas sim um processo dinâmico de preservação e renovação cultural que reflete os tempos atuais e as trocas entre diferentes comunidades de terreiro no Brasil.















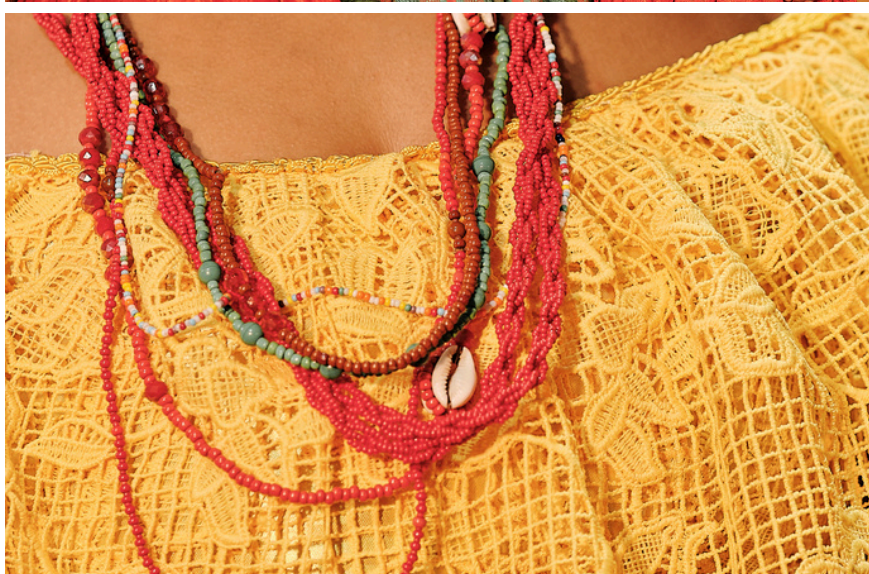












Roteiro de pesquisa de campo realizado por Mãe Nilce de Iansã (Janeiro a março de 2025).



www.ileomolueoxum.org



[ileomoluoexum](https://www.instagram.com/ileomoluoexum)



[Ile Omolu e Oxum](https://www.facebook.com/IleOmoluOxum)

ILÊ OMOLU OXUM

MODA DE TERREIRO

RESPEITANDO O SABER ANCESTRAL DE CADA TRADIÇÃO

apoio:



MINISTÉRIO DA
CULTURA

realização:



ILÊ OMOLU OXUM



MINISTÉRIO DA
SAÚDE

MINISTÉRIO DA
IGUALDADE
RACIAL

